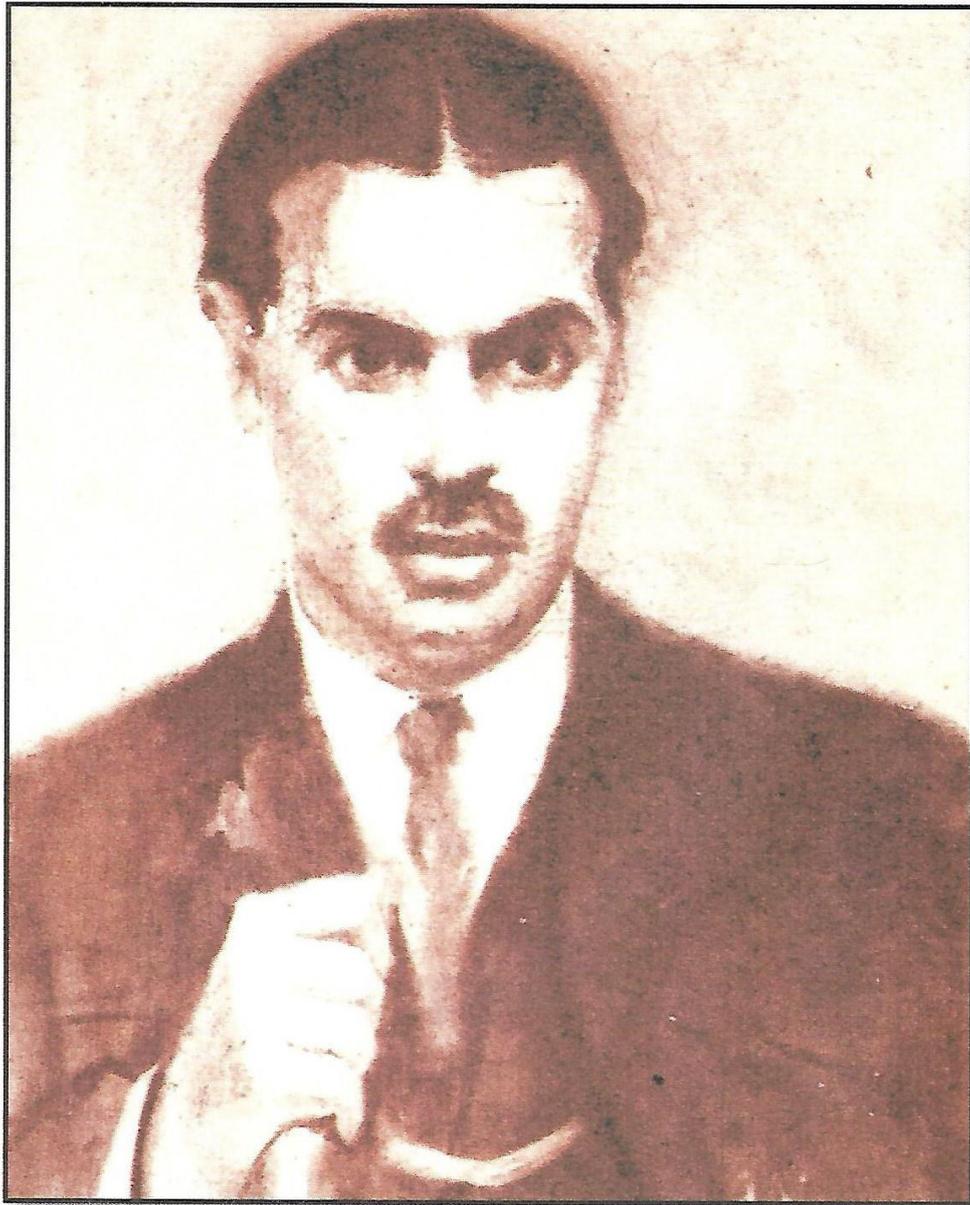


aquilino

REVISTA LITERÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SERNANCELHE



2010 | Nº 2





Ficha Técnica

Título: aquilino - Revista Literária da Câmara Municipal de Sernancelhe

Director: Paulo Neto
pzarco@gmail.com

Autor: Vários

Propriedade: Câmara Municipal de Sernancelhe

Sede: Sernancelhe

Endereço / contactos:
Rua Dr. Oliveira Serrão
3640-240 Sernancelhe

T. 254 598 300
F. 254 598 319
M. 967 250 208 / 967 252 243

E. rev.aquilino@hotmail.com
E. geral@cm-sernancelhe.pt
W. www.cm-sernancelhe.pt

Arranjo gráfico: PN; Carlos M. Fernandes

Fotografias: Capa - Aquilino em Paris, por Abel Manta

Tiragem: 1.000 exemplares

Periodicidade: Anual

Impressão: Cartolito - Artes Gráficas, Lda. | Av. da Bélgica, Viseu

Depósito legal: 287126/08

ISBN: 978-972-98148-2-2

Aceitam-se permutas / We accept exchanges

Nota: O conteúdo dos artigos publicados é da responsabilidade dos seus autores.



Engajar a pena aquiliniana para engalispar a memória do eremitério franciscano de Caria. Um olhar histórico.

Jaime Ricardo Gouveia¹

Investigador do Instituto Universitário Europeu

Resumo: Pretende-se, com este trabalho, reflectir sobre a memória legada pela pena aquiliniana acerca do eremitério franciscano quatrocentista edificado no antigo concelho de Caria. Por entre os varais do tecido linguístico do mestre, procurar-se-à comungar com os laivos descripto-vivencialistas e histórico-realistas que neles se divisam, juntando-lhe miríades de outros, como forma de estabelecer uma ponte com os axiomas do passado, produtora de inferências no presente.

Palavras chave: Convento de S. Francisco; Caria; Rua; Via Sinuosa; Geografia Sentimental.

Comece-se, na aurora deste trabalho, por lembrar que a obra Aquiliniana, de onde se divisam portentosos labores literários como *A Via Sinuosa* e *a Geografia Sentimental* (Ribeiro, 1918; 1951), que aqui terão tratamento privilegiado, está ensimesmada de reais vivências comezinhas, solipsistas – eu diria mesmo. Assolame o cógito de dúvidas se, na Beira, do tempo de Aquilino, seria interessante lê-lo. Era-o, sabe-se, noutros espaços pátrios. Porém, é plausível que nos rincões da Beira, a pluralidade do linguarejar, a riqueza dos olhares descriptivos, as historietas factuais, a peculiaridade do traço de carácter das personagens recriadas, ausentaria os leitores do mesmo espanto Agambeniano. Basta ler outros mestres das letras como António de Sèves. Aí todas as traves mestras da “novidade” aquiliniana estavam envoltas numa aura de “costume” a que aludiam os forais medievos. É este pressuposto, o da descrição factual e vivencialista que imporá desvelar um vórtice ainda pouco tocado pelos aquilinos: o da realidade histórica. Aquilino passou a escrito com riqueza intangível as longarinas de uma cultura específica, peculiar, de um habitat luso, entre tantos, diferenciado dos demais, e que, com toda a propriedade, baptizou de *Terras do Demo*. Por mais que se imponha analisá-lo sob a égide do sentido artístico, e aí inúmeras catarses tem provocado entre os

1. Bolseiro do MNE e da FCT.



especialistas, é incondicional perspectivá-lo sob os varais da História. Como pássaro empoleirado nos fios da memória, Aquilino narra com exaustividade uma realidade pelos seus patrícios mantida *mutatis mutandis* e da qual era também coectâneo. Crónicas de História! Sim, também disso se trata. E o que aqui se escrevinha sobre um dos monumentos cimeiros da história moimentense e dessa *Beira tão coalhada de conventos que é tombo por excelência da nacionalidade* (Ribeiro, 1951), tem como anseio prová-lo.

Seria o convento dos capuchinhos de Caria um terreno memorial virginalmente desataviado se Aquilino lhe não tivesse loxodromicamente fincado a pena. Lançar-lhe a minha, evocando-o, não pretende assumir-se como uma tautologia nem tem como fito um exercício de réplica ou tréplica, senão esticar as orelhas oleadas e escorregadias da memória, por nela se alojar um vórtice etéreo. A imortalidade de logo aquilino nunca se verá arredado de uma tinta com alto teor alcalino que ao vincar esbeltas letras nos velinos do passado, corroi-as autodestruindo-as. Disso sofre, hoje, o aludido cenóbio, não duvido. Um dos mais fortes Éreos das Terras do Demo, clama logotecnicamente por uma atenção histórico-artisticamente merecida, que possa criar elãs desobstativos ao estado de vergonhosa decrepitude em que se encontra.

Se infernos há para os monumentos, o convento de S. Francisco está a despedir-se do purgatório com vaticínios de abismo. Na *Geografia Sentimental* já Aquilino o referia:

O tempo nas Beiras tem sido um semeador de cinzas. Os próprios caminhos, todos à uma, são fitas de cinema rico e variado, mas em que se apagaram as imagens trágicas ou ledas. Ali estão aquelas ruínas clamorosas do Convento de S. Francisco de Caria, a dobar para o Vale do Távora. Ninguém passava que a torre não chamasse com seus olhos vazados, obsessos, e não admirasse depois a albergaria, cujas frestas e balcão de balaústres alevantavam ali uma aragem de nobreza antiga, e logo ao pé a fachada da igreja setecentista com o nicho de Santa Teresa no tímpano. A vista, depois do breve reconhecimento, repousava consoladamente no panorama (Ribeiro, 1951).

De melhor sorte gozou o vizinho de Tabosa, da invocação de N. Senhora da Assunção, último cisterciense construído em Portugal, outrora pertencente ao mesmo concelho de Caria, fundado em 1690 por D. Maria Pereira. Não deixa de ser sintomático para a história da espiritualidade monástica da região que aqui, na centúria de Duzentos, se deu início à introdução da regra de Cister, entre a Nave e o Varosa em S. João de Tarouca ou, advogam estudos mais recentes, entre as faldas da Gralheira e o rio da Landeira em S. Cristóvão de Lafões, e aqui feneceu também esse ímpeto edificatório com o derradeiro convento português dessa religião a ser criado na Tabosa. Sem pretensões de me assumir como especialista no campo da literatura – em geral, aquilinoiana – em particular, que não sou, ao que



acresce o facto de não se tratar de uma léxis, não deixarei de me apossar de uma coragem de malhadas para levantar, em jeito de desafio, uma pontinha da alva que se espreguiça pela *Via Sinuosa*. De olhos fitos no liguarejar que aquilino rebusca à memória, a retina detém-se não numa unicidade senão numa duplicidade viária, cuja superfície térrea palmilhada se orienta bifurcada para o convento de S. Francisco e para o convento de N. Senhora da Assunção. Em boa verdade, Aquilino conhecia intimamente tanto o da Tabosa quanto o dos capuchinhos de *Susã*. Motivo pelo qual, não será alucinação conjecturá-lo, terá rebuscado as memórias que deles alojara na mente, para ajustar e “compor” a narrativa. Todavia, admitir-se-à sem esforço, o sistema de contrafortagem ou, dir-se-à, a macropsiquia aquiliniana da *Via Sinuosa*, dificulta a destrinça, já que trechos existem que se parecem filiar à realidade dos dois eremitérios. Seja como for, S. Francisco de Caria atraiu o gigante das letras e enguiçou-se, numa *via sinuosa* – não é crível que haja ligação da *sinuosidade* real ao grau profético da pena aquiliniana imaginária - que ainda não desembocou em nenhum desfiladeiro, mas a ele parece estar predestinada. Reconheça-se que Aquilino, o juiz inconcusso da manápula censória aos impropérios eclesiásticos, que já lhe valeu ser ajuizado de anti-clericalista, foi aquele que sem farisaísmos mais o evocou, relegando-o para as elegias da memória. Se ínclito hoje é, deve-o ao mestre da Tabosa.

Neste frondoso recanto beirão com resquícios do Douro, Aquilino partilha as imagens de infância e narra as origens: suas e do mundo. Não vejo nas letras que a *Via Sinuosa* dispensou a este cenóbio, característica pronunciada, ou laivos, de um qualquer pensamento incôndito, sem regra e desorganizado. Se Aquilino reproduz, no prelo, convicções, narra também vivências com realismo. Delas avulta, com naturalidade, o convento de S. Francisco de Caria, um dos *ex-libris* das Terras do Demo, onde o autor do *Elucidário*, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, montado no seu machinho, na companhia de frei José Natário, pousou no seu lufa lufa diário de farejar antiqualhadas que pendiam de avelhentados e já cariosos pergaminhos, qual canino a rasgar a terra em busca das carcaças de vertebrados. Aí borboletou Aquilino, de termo em termo. Aí colheu inúmeros ensinamentos sobre o passado, que dele fez um grande exímio na arte de cantar o passado:

Quanto lhe devo, não o sei dizer. Que mais não seja o Elucidário, além de me abrir uma larga janela para o passado, explicou-me, como um cicerone de museu, a antiga província da Beira (Ribeiro, 1951).

Nesse cenóbio, Aquilino poisou também, construindo um tempo de morada, adolescente ainda. E muito embora impere a dimensão romancesca e ficcionária da história que as suas reminiscências e criatividade parturiram, tranches há da obra de puro desafio ao *Khronos*: com narração histórica, com pretensões de objectividade, com fitos de realismo. O bucolismo do lugar, desde logo, assim como a dedicada ternura de Celidónia e as mansas e sábias lições de Padre Ambrósio que abriam



todos os caminhos do espírito do discípulo e os deixaram livres. Chame-se então à colação da memória o aludido eremitério, para em jeito de enfiteuse se lhe gizar uma radiografia sinóptica que reproduza um presente entremado de passado.

Saindo de Moimenta com determinação monacal, rumo às terras de Caria, volem-se cerca de quatro quilómetros até que se impõe retirar a tala asinina da destra para subir a rodovia que bordejia o espaço onde antigamente o íncola realizava a feira em honra, ou honrada, pelo patrono do convento que tiros de calhandrina ajuizam de cercanejo: S. Francisco. Realizada no dia do patrono e instituída para comercialização de gado e, por certo, produtos agrícolas, deu origem a uma lenda que se perpetuou na memória dos vindouros: a marrã de S. Francisco. Conta-se que em tempos recuados um frade terceiro nessa ordem professo, ao deparar-se com uma rã em cima do seu único e sempre escasso pedaço de carne, ter-lhe-à chamado “má rã” que para a posteridade passou a designar-se a marrã do S. Francisco.

Marrã não é apenas a fêmea do porco, a bacorinha, como nos dizem os candidísimos lexicólogos. Marrã é sobretudo a carne do porco à entrada do Outono, quando as primeiras aragens polares lavavam a atmosfera de seus fervores e as cevas já não pecavam metidas na salgadeira, como bem assinalava Aquilino. Por conseguinte, apenas nesta altura do ano, antecipando-se sobre a época consagrada da matança, à volta de Santo André, a carne de porco se chama marrã. Segundo ainda o escritor, em *Cinco Réis de Gente* (Ribeiro, 1948),

[...] tal emergência deu lugar a uma indústria, e no dia do patriarca da Ordem Terceira, que ali teve convento, tiram o chiadouro a dúzias e dúzias de suínos. Em fornos improvisados na escarpa ou simplesmente em grandes sertãs apoiadas sobre duas pedras e a lume de tangos se forjicam toneladas de carniça.

Há hoje quem se desloque à feira de S. Francisco para adquirir apenas um pedaço de marrã, a fim de o cozinhar em casa. Porém, o grosso dos feirantes, cumpre a tradição de o comer *in loco*. A parte da manhã era consagrada à compra manufacturas e toda a casta de iguarias regionais. A tarde, como dizia o pai das *Terras do Demo*, em despeito da santidade franciscana do lugar, era consagrada à papança.

Eis-nos já, por conseguinte, nas antigas terras de Caria, cabeça de um município medievo que na longínqua centúria de duzentos, se não antes, passou a partilhar com a Rua. Se espaço marcou para a posteridade essa mescla municipal foi aquele onde se ergueu esse convento, porque transitório entre esses dois rebentos populacionais. Da Rua ou de Caria, aloja-se a dúvida no cógito do vulgo presente. De Caria, aponta a tradição oral. Da Rua, confirma a reinvenção taxonómica setecentista que ergueu robustos marcos lavrados de pedra de cantaria lavrada com inscrições *VDE* (Universidade), destinados a separar o dizimatório entre as duas localidades, outrora pertencente à Companhia de Jesus - como atestam



documentos escritos e inscrições hoje visíveis em Vide - e, extinta essa religião, posse da Universidade de Coimbra. Por conseguinte, composto de casa grande com cercas dilatadas e hospedaria para mulheres, o convento situava-se e situava-se dentro da área da Rua.

Não adianta pugnar pela descoberta de qual das duas irmanadas terras comporta uma maior densidade secular. As origens de ambas remontam a tempos remotos perdidos nas brumas dos tempos que as provas mais concisas dos inúmeros vestígios arqueológicos de Granja dos Oleiros, Vide e Rua, autorizam a filiar, pelo menos, ao período clássico. Por aqui, e em redor, o olhar mais atento retém uma visão de uma aura de candura de onde se vislumbram jeitos de civilizações primitivas e clássicas, em inúmeras *tegulae* e outros artefactos que brotaram das profundezas da terra; restos de estradas romanas; cruces; alminhas; fundações de castros e de mourarias; pedras de cunhais; eirados; portais; cornijas de antigas casas e capelas; palavras, nomes e inscrições celtas, romanos, godos, árabes; recordações do oriente, do levante, da Europa Central, do Norte de África, tudo se recova e rescende nas chãs e lombas destas terras, desde os ritos druídicos até às eras da Cristandade, evocando panteísmos e mitologias, gestos bizantinos, românicos, góticos, renascentistas e barrocos, fundidos no ar, no silêncio das cumeadas e no espraiado das veigas.

Metendo por uma vereda que dá à estrada que conduz a Caria, segue um trilho que a fauna avícola, pondo termo à calma absorta, rasga em tons melódicos proceros de chamamento prestadio, parecendo entender o carácter prestameiro da cultura que ali o nosso espírito representa, conduzindo-nos ao núcleo do eremitério franciscano.

Atravessada a quinta por esta via, reclinam-se suavemente pela encosta, numa compilação florística, hoje muito diferente do que já foi. Arvoredos verdejantes e floridos com matagais, em doces emanações de fescura que as águas brotam e deslizam a seus pés, e leiras fecundas onde outrora cresciam mimos pujantes e hortas viçosas. Na meditação dos tesos, no vulto dos penedos, na policromia das várzeas em contrastes de suavidade e aspereza, sente-se por toda a parte a Humanidade de passadas gerações.

Bonita e bem lavada de ares constantes, esta é uma quinta de quietude patriarcal, de viver provinciano. O pronunciado declive tem um pico, onde se ergue altaneiro e senhoril um miradouro, que olha das alturas a líquida fita coleante que se alonga por entre alcantis agrestes e prados verdejantes. Daí lobrigam-se sem fusco, serranias churras, pinheirais, cristas pedregosas e ainda vários povoados que a *Via Sinuosa* assim ajuiza:

Fora de muros, os espaços abriam-se num imenso galão, com vales cheios de sombras dormentes e desdobres suaves de colinas. Descendo para o Távora num cachão verde, a terra crescia depois em escalada cinzenta até o rebordo violáceo das moncanhas do Douro. Na curva de muitas léguas, manchas ocre



de cabeços, batidos do sol, nimbavam o adormecimento profundo dos bosques, ermidas brancas apareciam extáticas nos montes extáticos, pacificando. Alvejavam os lugares como pombas brancas num telhado de casa antiga em que cresceu a relva das eiras abandonadas. À esquerda, para as bandas de S. Torcato, um talefe, dominando de cocuruto claro a muda religiosidade do oiteiro, parecia medir da amplidão a ânsia misteriosa. À direita, ao invés das serranias, coavam-se as ocas baças dos côncavos de Freixinho, e eram como um mar sem transparência lambendo, a arquipélago, os alcantis de sinopla. S. João da Rua a fraldejar entre soutos; Adebarros, fidalga, à beira do macadame; Escurquela trepando a escarpa; Fonte-Arcada avançando a torre romana por sobre a dobra funda do rio; Antas de Penedono, em chão batido dos ventos, de torvo castelo de cinco quinas a assombrar o horizonte - pontuavam o panorama que os dias soalheiros enchem de deslumbrante infinito (Ribeiro, 1918).

Trata-se, pois, de um horizonte infindo, um panorama maravilhoso, vastíssimo, cuja contemplação avassalada pela grandiosidade da paisagem deslumbra pelo encantamento que nos traz ao olhar. Colmas, cursos de água, matagais, pontes, estradas, casais, muros e valados, tudo parece impreciso e de ilimitada grandeza naquele marchetado tapete de variegado colorido e inconcebível variedade de desenhos.

O sítio é de gosto, aqui vingando o *plenismo* de Leibniz porquanto o mini-universo de que aí somos testemunhas oculares está completamente ocupado pela matéria, não existindo vácuo. Na prepotência da natureza ecoa uma miríade de miríades de ecos que nos conduzem a reminiscências que podemos reviver com um ambiente de regulada pressurização. Olhando em redor aprisionam-se os sentidos e por ali ficamos, estáticos, como sôfregos na retrinca.

Cada recanto de feição rural revela a ancianidade do local. Aí cresce vegetação com bravura sob guarda de muros por onde espreitam silvas, musgos e outros líquenes. Nós estamos ali “agora”. Eles estão ali desde “ontem”. Nós contemplamos o que vemos. Eles escondem silêncios remotos. O vale, no estendal do granjeio, acolhe os assobios dos pássaros numa orquestra onde cores e sons se fundem. Reter certas luzes do sol a pôr-se e ver certos muros de torres em ruína faz pressentir pavores ancestrais, atrás de calhaus à espreita dos medos surrateiros, antes semíticos, agora cristãos. A paz que ali se pressente é como a dos pousios, apenas sacolejada pelas águas a borbulhar nos caminhos, direitas aos mimos dos granjeios. Hortas, pastagens, searas, colgaduras de estevas e rósmaninhos fazem parte de um habitat variado por onde esbraveja uma fauna díspar. Olhar para estas aguarelas com olhos de ver, é viajar por várias dimensões e rememorar as idades esquecidas, os legados que ainda não findaram.

Uma destas, entre muitas relíquias históricas, passíveis de contemplação, é o convento franciscano que terá sido o primeiro da Congregação da Ordem

Terceira Regular em Portugal, erigido a sudeste do actual concelho de Moimenta da Beira, num espaço que, pelo menos ao longo da época moderna, passou a ser designado de *Quinta do Ribeiro*, em alusão mais que provável ao pequeno curso de água que por ali ponteia. Na sua essência, ela resulta da anexação da *Quinta do Paço* (Paço dos Bulários), dos senhores de Távora, doada aos frades da Ordem Terceira de São Francisco pelo rico e nobre Pedro Gil para a erecção de um convento o qual aí se fundou em 1443. Ao que consta o Sumo Pontífice, Eugénio IV entregou pastoral ao bispo em forma de bula *Noveretis nos super*, dando posse da igreja aos religiosos que nela celebraram a primeira missa em 28 de Agosto de 1445, dia de Santo Agostinho. Este eremitério cedo se constituiu como um centro fecundo de renovação cristã, frequentado por uma turbe de fiéis em busca de sacramentos. Além do convento, com duas estruturas físicas – igreja e casa residencial dos frades - divisam-se neste amplo e fértil espaço um solar com vários anexos transformados em Escola Profissional Tecnológica e Agrária, além de um tanque, uma fonte, um pombal e a capela de Nossa Senhora da Conceição a que alude a pena de Aquilino:

[...] sobre a padieira dum capelinha votada à Senhora da Conceição, meio oculta entre ciprestes, e a mirar-se nas águas dum lago, melancólicas das esguias sombras do bosquedo, estadeavam as cinco cadernas de crescentes em sautor, de sua alta senhoria (Ribeiro, 1918).

Louçainho de ricos pormenores de antanho que o mugre fétido parasitamente procura elidir, possidente, o convento encontra-se, hoje, em sepultura de vala aberta.

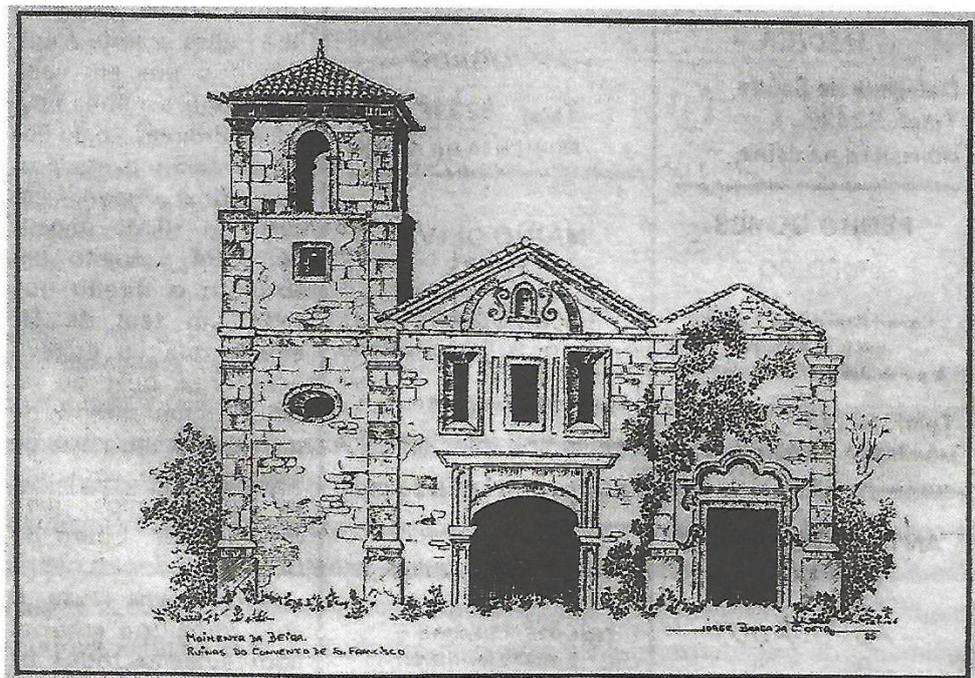


Fig. 1 – Convento de S. Francisco (desenho de Jorge Braga da Costa)



O esqueleto que dele resta está apossado da sôfrega natureza, rubuste milhafre que o abocanha e suga. Sem suficiência, porém, para esconder ricos pormenores de antanho que a incúria do tempo e dos homens não conseguiu letificamente fazer ruir. Da igreja avulta, de nariz arrebitado, altaneira e senhoril, uma torre sineira de três secções verticais que se elevam da base através de colunas de pedraria uniformemente talhada, que suportam o peso de todo o conjunto. Com janelas circunferenciais e quadrangulares de pequena bordadura granítica exterior, destinadas à luminescência, sobressai o derradeiro elemento seccional, cimeiro, ligeiramente mais estreito, como aquele que mais ornatos permite esquadrinhar. Os quatro cunhais de pilastras quadrangulares, onde convergem as paredes deste elemento seccional quadrifacetado, terminam em jeito de capitel onde assentam quatro lintéis que servem de base ao telhado de cujos vértices saem quatro gárgulas em forma de corneta. Cada uma das faces desta torre possui quatro aberturas em janela pronunciada de onde se vislumbravam e irradiava a equissonância de sineiras composições.



Fig. 2 – Convento de S. Francisco (foto do autor)

O resto da igreja apresenta-se sob duas faces. A do meio, contígua à torre, assume a centralidade do edifício. A reentrância do portal de ampla quadratura inicia-se com arco de três arestas ladeado de cunhais encimados de remate. Segue-se uma portentosa janela rectangular com bordadura exterior, como todas as outras do edifício, por onde se fazia a iluminação do interior. Ombreia com duas outras, igualmente de traçado rectangular mas com menor área, que estreitecem para dentro, isto é, com traçado oblíquo na espessura da parede em jeito de lancis de quebra-luz. Termina o conjunto em telhado triangular de face ornada com arco semi



circunferencial a guardar nicho granítico de traçado esbético, assente em base saliente e suportado por pequenas colunas de base fuste e capitel, destinado, por certo, ao patrono. A outra face, no cerne de dois poderosos cunhais, autênticas longarinas, comporta um portal robusto, de menor área do que o anterior, em conjunto quadrangular encimado de janela circunferencial elevada a cerca de 6 metros.

Quanto aos aposentos dos observantes da ordem terceira, melhor não é possível fazer senão plagiar o olhar de Aquilino que, prosando, poetizava o carácter edílico do lugar e vociferava elegias para o *Monte Hélicon* ou para o *Museion*, destinadas a Clio para que com o seu clarim e clepsidra em riste alterasse o estado de ruína que com que se deparava:

[...] à esquerda corria o mosteiro, para aquela banda de um só piso, com lunetas e janelas em gradil, a cornija de muita sombra, e o campanário de ventanas ermas, mais misteriosas que olhos vazados, a mirar, assim louco, os horizontes. Um muro, alto de três varas, desta alvenaria antiga, solta, porém mais sólida que se a liasse poderoso aviamento, acabava de fechar pela direita a cerca franciscana. Assim cispada seria um túmulo se, para lá do caminho que à sua borda corria e era, antes do macadame, o conduto forçoso entre a serra e vale, a terra se não empinasse em eirado e de lá, do meio dos castanheiros e das giestas, as fanchonas das aldeias não pudessem vir recrear os fradinhos com motetes e prazos-dados [...]. O convento, ao agravo da ladeira, tivera de encovar-se e, agachado na terra por detrás dos paredões, oferecia da banda da portaria um só pavimento, duma chateza morna de alpendurada. Da outra banda, pela razão mesmo do pendor, seu pé era alto como um cipreste velho. A ruína lavrava dali. Gizado em cruz de Santo Antão, todo o braço direito, que estendera pela quinta suas celas de muito desafogo, abatera em escombros. A carcoma roía as taipas e numa empena destroncada, de cunhais arreganhando sob musgos e silvas uma dentadura de serra, os sardões gozavam o sol. À ilharga restante do mosteiro servia de amparo a parede mestra da igreja, por traça concebida a encastoar-se nele como jóia num relicário. Ao pé jaziam lápides partidas e pedras de jeitoso lavor, à espera de pedreiro que as levantasse para murar horta ou casal. Era desta parte de Sueste que a quinta galgava corgas e cerros em boa terra de paul, vinhedo, pomar, com água de todo o ano (Ribeiro, 1918).

Em virtude do desaparecimento quase total da sua documentação, sabe-se deste cenóbio praticamente apenas o que já foi referido por Gonçalves da Costa (Costa, 1982). Foi extinto no século XIX por ocasião da extinção das ordens religiosas. Em 1919 Amândio Campos adquire-o a Margarida Nápoles Alpoim mas posteriormente inicia-se a sua degradação e pilhagem das suas pertenças. Consta que no início das pilhagens em jeito de salvaguarda, os habitantes da freguesia da

Rua terão intentado levar os santos mas, repelidos pelo pároco local, terão reposto o que haviam retirado do convento. Sol de pouca dura, já que praticamente todas as imagens foram levadas para várias paróquias, nalguns casos como cautela contra o seu desaparecimento.

Existem imagens e outros pertences em igrejas e capelas do actual concelho de Moimenta da Beira, posse desse antigo cenóbio. Pelo menos em Caria, Arcozelos, Leomil, Toita e Vide. É nestas duas últimas povoações que se encontram as duas imagens de S. Francisco. Uma, mais recente, na capela de Toita. Outra, mais antiga, da época da fundação do convento – conjecturar-se-à - na capela do Divino Espírito Santo de Vide. Aqui, robusta e impressionante, a imagem de S. Francisco aparece passional, micróstoma.



Fig. 3 – Imagem de S. Francisco hoje na capela do Divino Espírito Santo de Vide (foto do autor)

O recheio cultural do convento deveria ser notável. Sabe-se que teria uma cruz de prata com relíquias do Santo Lenho, oferta da duquesa de Aveiro, D. Maria, a seu confessor, frei Filipe da Conceição. Sabe-se também que na igreja e painéis de S. Pedro e Santa Catarina terão estado alguns quadros da oficina de Grão Vasco, encaixilhados em preciosa armação de talha. Aquilino, refere prolixamente algum desse recheio, como narrador participante. A seu pai – conta - cabia o amanhã da cercazinha do convento com a Casa dos Terceiros para residir, por intercessão do



venerável arcozelense padre Ambrósio, a troco de cuidar e velar pelo mosteiro e sua capela:

Assim, não se passava dia, que minha mãe, de mãos postas, não rogasse a anjos e santos da corte celeste que recuassem a nota em que o senhor padre Ambrósio devia dar recado da sua alma. Dele, que a reitor dos Arcozelos aliava a função de comissário do Governo junto da irmandade que se constituíra em provedora do mosteiro com suas obras pias, se guardava o benefício [...]. Meu pai, que de seu tinha apenas os caminhos, ali se albergou, tão bem se casando com a unção e a actividade sonâmbula do encargo que de pronto adquiriu aquela ronqueira rotundidade e tez querubínea dum suíço de catedral. Tinha queda para o officio e, nas festas solenes, nem o cabeleireiro mais pintado adornaria uma cabeça de vidama melhor que ele á velha igreja seráfica. Por arte sua, as santas imagens conservavam feições celestes, sempre floridas de bem-aventurança. Os vasos e pratos reluziam de limpos, e os castiçais, sem sombra de monca, lançavam aos pés do Senhor as flechas de luz mais esplêndida. Na ciência do ritual era sabido como um adaião; consultavam-no daqui, requeriam-no dali (Ribeiro, 1918).

As colunas do claustro são as que hoje figuram no solar do morgado de Santo António de Leomil, para aí trasladadas pelo então administrador do concelho Dr. António Ferreira da Fonseca Sêves. Curiosamente esse vetusto palacete, hoje depositário de alguns dos robustos espécimes que compunham a superfície claustral do convento, foi instituído, conjuntamente com outras propriedades, em morgado no ano de 1580 por Pedro Martins Fonseca Pacheco, filho de um capitão mor de Leomil e sua mulher D. Isabel Pires de Paraduça. A casa teria uma esbelta pedra de armas com o símbolo heráldico dos FONSECAS. Na centúria seguinte, por ausência de descendentes, a posse do morgadio foi parar a um bastardo, Diogo da Fonseca Pacheco, que contraiu esponsais com D. Francisca Barradas de Sendim. O primogénito deste enlace, Pedro da Fonseca Barradas, foi o herdeiro que se seguiu. Não deixa de ser curioso que Aquilino, na *Via Sinuosa*, por mera coincidência, creio, recupera a memória dessa família como dona da quinta que serviu de repositório ao convento e, na verdade, parte dele - a varonil claustrada - foi mesmo parar à posse dos Barradas, servindo hoje de suporte à fachada do solar e ao embelezamento do superlativo logradouro que se alonga nas traseiras:

Ao cabo de séculos, de fortuna tão oscilante, o convento do Paço era domínio dos Barradas, minha família (Ribeiro, 1918).

Por seu turno, o altar mor do convento foi vendido para a igreja de Várzea da Serra com autorização do bispo por então em funções. Sabe-se que o escultor viseense Francisco Lopes de Matos, por escritura de 17 de Junho de 1662, obrigou-se a fazer 3 retábulos, o do altar-mor e os 2 laterais, por 130\$00 “na forma e maneira das traças dos ditos retábulos... feitos pela mão de Paulo de Carvalho, da cidade



Fig. 4 – Colunas do solar de Santo António de Leomil (foto do autor)

de Lamego”. No contrato esteve presente frei António de S. Francisco e tudo foi obrado segundo o acordado com frei Filipe da Conceição, comissário geral da 3.^a Ordem de S. Francisco e mais frades do convento de Caria (COSTA, 1982; ALVES, 1983). Já sobre a inaudita biblioteca que consta ter tido e demais valores litúrgicos, nada se sabe. Quanto ao albergue, Aquilino descreve-o com grande precisão e realismo demonstrando que ali não imperam descrições fabulísticas:

[...] servia-nos de residência a casinha airosa, que se levantava ao fundo do hortejo, conhecida pelo nome de Casa dos Terceiros. Uma rua de murta conduzia até ela, tão dolente e melancólica que sobre a sua areia pálida parecia ainda verem-se lampear sombras de frades. Fora ali a albergaria de peregrinos, hóspedes e visitantes, nos tempos áureos da Ordem, e o tom encarvado do granito, as frestas e um balcão de balaústres quadrangulares, ao gosto da Renascença, sensíveis de graça, alevantavam a aragem dum grande nobreza morta (Ribeiro, 1918).

Da fonte onde consta ter bebido S. Francisco, presume-se apenas, com convicção, que será aquela que figura de frente do adro e igreja da Rua. Trata-se, contudo, de um mistério, dir-se-à, cabalino. Joaquim de Azevedo na sua *Historia Ecclesiastica* refere a tradição segundo a qual São Francisco terá poisado e abençoado o local de passagem para Santiago da Galiza e predito a fundação de um convento da sua Ordem (Azevedo, 1877). Na *Geografia Sentimental*, Aquilino



reproduziu o passo e dúvidas não teve em considerá-lo lenda.

Verão fora, chorava ali uma bica de água em que S. Francisco, segundo a lenda, matara a sede, de viagem para Compostela, e à roda, desde então, cantavam pelos séculos dos séculos os alegres pássaros dos ermos (Ribeiro, 1951).

Na *Via Sinuosa* refere-o também, agora mais prolixamente, por palavras do padre Ambrósio, homem de muitas letras, já ruço, nos seus setenta anos, são de alma e corpo, que na borda do tanque, que uma figueira toldava de deleitável sombra, antes de abrir Horácio, lembrava:

Neste sítio, Libório, descansou o grande padre S. Francisco de jornada para Compostela. Reza a história que o servo de Deus vinha trilhado do caminho e tinha sede; aqui lhe foi dado matá-la numa fontainha, que não era este chafariz formoso, talhado, mais parece, para os jardins do papa que para cerca de monges. Por certo que o suor lhe caía do rosto e o bebeu a terra onde pisamos. E sem dúvida falou e abençoou os verdelhões, arquitetavôs desses que aí andam na figueira a debicar os figos lampos (Ribeiro, 1918).

A descrição artística de apurado sentido histórico-arquitectónico que Aquilino, ao vestir a pele de historiador de arte, imprime à fonte, quase não deixa dúvidas de se tratar daquela que está hoje num remanso que bordeja a estrada nacional de frente para a igreja matriz da Rua:

Sobre o tanque, que se vedava para a rega, noite e dia a fonte antiga levava a chorar. A água vinha de longe por uma caleira de pedra, e era a sua uma toada tão leda e inquebrantável, que parecia mesmo a pulsação do silêncio. De três bicas, manando de rosáceas num pano de gracioso corte, com o entablamento coroado por pirâmides e um frontão em que se vazava uma guarita de santinho, apenas uma escorria no tempo da seca. Se pelos meses de águas vivas todas três botavam, na tristeza das horas sem luz, à borda do silêncio revessado pelo convento, seu gorgolão era grave como uma salmodia de monges. De bordo em curvas e segmentos, alternantes, de rectas, o tanque era, de em par com o lineamento da escaleira que poucos passos dali conduzia à capela, numa ordenança mais harmoniosa que as rendas por minha mãe tecidas. Sobre ele erguia-se a figueira de muitos anos, sombreando o lugar a que a presença de S. Francisco dera um perfume místico de lenda. Aqui se erguerá uma casa para pobres da vida pobre, quando Deus for servido! - dissera ele. E daí o ficar a água da nascente de muita virtude nas moléstias da tripa, e o lauto senhor Pêro Gil, pelo ano de 1443, com autoridade da Sé Apostólica, lançar os fundamentos daquela casa, que canto edificou a santa Ordem de Penitência em varões pios e de saber. Com o nome de Convento de Caria, ou do Paço nos Bulários, foi a casa, consoante a regra, acomodada a todos os estados da vida, para sossego das almas que, com a ânsia da salvação e o nojo do mundo, largavam a monte, espavoridas. Ali se acoitaram fidalgos e vilões, com



os bens em comunidade, desfrutando patrimónios e laudémios, e privilegiados, por foral, de todo o direito de portagem. Seus religiosos professos cavalgavam, por montes e vales, nédias mulas guizalheiras, em função de curas de almas. Ementas, dízimos e mais benefícios do pé-de-altar abarrotavam as tulhas. Afinal, sujeitos pela reforma aos estatutos da observância menor, de salto perderam mesa farra e vida larga; Fr. Guilherme da Paixão, abade-geral de Alcobaça, encarregado em tempos de Filipe I de abrir uma devassa em toda a Província, foi topar dezassete frades no mosteiro de Caria, em boa paz e maior pobreza, padecendo muito do frio, com estarem pelo pé da Serra da Estrela, e de fome, porque sua única manutenção era milhão e centeio, e haver escassez de mimos no lugar (Ribeiro, 1918).



Fig. 5 – Fonte contígua ao adro da igreja matriz da Rua (foto do autor)

Se S. Francisco aí bebeu não se poderá comprovar. Sabe-se, ao menos, que aí bebeu Aquilino inspiração, qual poeta mergulhado na fonte de Hipocrene. Dessa inspiração resultaram, não raro, depreciações quanto ao estado moral eclesiástico que, na realidade, Aquilino conhecia como ninguém porquanto era ele próprio disso consequência. Seu pai, Joaquim Francisco Ribeiro, natural de Soutosa, era pároco de Tabosa quando engravidou a governanta sua conterrânea, Mariana do Rosário. O baptismo de Aquilino fez-se para as bandas de Barrelas, longe de olhares alheios, em 7 de Novembro de 1885, na vila de Alhais. Todavia, o estado de inaptidão moral, que vinha de longe, não se manifestava apenas em relação



aos clérigos em contacto quotidiano com o *século* senão também no seio dos ambientes conventuais. Aí, como no habitat mais “pernicioso” do mundo, corações religiosos lazentos cozinhavam estrugidos passionais. E Aquilino, grande amigo de padres mas profundo denunciador das suas prevaricações, mais não fez que registar por escrito um inconformismo que perpassou várias centúrias. A comunidade franciscana do convento em apreço não passou imune às aludidas intemperanças, como provam várias denúncias de solicitação setecentistas efectuadas ao Santo Ofício da Inquisição conimbricense, instituição judicial com competência jurisdicional sobre a matéria (Gouveia, 2006). Em 6 de Setembro de 1742, caiu nessas malhas frei Nicolau da Natividade, natural da vila da Pesqueira, e morador no convento de S. Francisco de Caria. Aí solicitou para actos de natureza concupiscente frei Manuel da Purificação, noviço que então era corista, natural da vila de Estarreja². Quatro anos volvidos, em 4 de Julho, nova acusação se registou, desta feita por mãos do padre de Fontearcada, Simão Pestana da Cunha, contra o padre Diogo do Amaral, natural do Carregal, concelho de Caria, cura de S. Sebastião de Penso, e assistente encomendado na vila de Souto de Penedono, bispado de Lamego, por ter solicitado Luísa de S. José, mulher solteira de 43 anos, do lugar de Penso. Do que consta da denúncia, estando a penitente doente mandou chamar o confessor a sua casa e aí a solicitou

[...] com tocamentos muy torpes, feios e deshonestos emmedietem ante et post in confessionem e isto muitas vezes sendo elle o provocante e que ella não confessava a circumstancia de ser na confissão por ignorar a obrigação que tinha³.

Não obstante, porém, a Luxúria que deflagrava no seio da comunidade terceira de S. Francisco, há eco de que entre os seus integrantes tenham florescido homens de grande probidade. No que respeita ao aludido delito de solicitação, *quarta porta do Inferno* segundo Afonso Maria de Ligorio, conhecem-se dois casos, pelo menos, de frades solícitos em denunciá-lo. Frei José de Santa Delfina e frei Manuel de S. José. O primeiro lavrou delação em 24 de Abril de 1753, em nome da solicitada Dionísia Maria, da Lapa - freguesia de Quintela e criada no convento beneditino de Moimenta da Beira, contra o padre João Rodrigues Baptista Sul, natural e morador em Moimenta da Beira, por no dia de S. Bento tê-la solicitado com as seguintes palavras:

[...] que assim como se chamava Dionizia que mais próprio era Roza por ser bem feita, ser mais capaz⁴.

2. DGARQ – Inquisição de Coimbra, Cadernos dos Solicitantes, liv.º730, fl.97.

3. DGARQ – Inquisição de Coimbra, Cadernos dos Solicitantes, liv.º642, fl.98.

4. DGARQ – Inquisição de Coimbra, Cadernos dos Solicitantes, liv.º643, fl.349.



O segundo, efectuou denúncia em 5 de Outubro de 1761 contra o padre José Cardoso, natural de fornos e confessor das freiras do mencionado convento de N. Senhora da Purificação de Moimenta da Beira, por ter solicitado algumas conventuais. Insurrecto face ao vício da sensualidade, o delato era acusado de ter escrito com sangue uma carta de amores destinada a Joana Bernarda e da prática de semelhantes leviandades com outras religiosas. Contra ele constava, a título de exemplo, que relativamente a D. Isabel Bernarda:

[...] na grade os vira estar com tais modos que pareciam dois amantes e também [...] que ele lhe dizia não era pecado⁵.

Para além dos referidos há conhecimento de outros, como frei Agostinho da Expectação, natural de Vilarouco do Vidigal, que ficou referenciado nos livros de óbitos como sacerdote “assiduae orationis” que aí faleceu em 1653. Contemporâneo deste foi frei Miguel de S. Boaventura, imitador de S. Francisco e venerado como santo pelos povos circundantes (Costa, 1982).

Todavia, a figura mais célebre deste convento foi frei José de Santo António, cujo falecimento em 15 de Janeiro de 1748, constituiu notícia na *Gazeta de Lisboa* do dia 6 de Fevereiro do mesmo ano. O acontecimento foi digno de menção nos círculos da capital não tanto em função da figura em causa mas sobretudo pela anormalidade dos factos divulgados com laivos proféticos e milagristicos. Segundo relata a *Gazeta*, o padre frei José de Santo António, que no século se chamara Vasco José da Gama Lobo, havia sido fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo e protagonista de uma carreira militar de mais de 30 anos, tendo alcançado o posto de sargento-mor da cavalaria. Foi apenas em 18 de Maio de 1733 que ingressou na ordem terceira de S. Francisco, tendo ido professar para o convento caricense. Vivendo exemplarmente na referida ocupação, segundo a *Gazeta*, exerceu ainda o ofício de mestre dos noviços. Até aqui, nada digno de especial menção. Contudo, parece que teve conhecimento antecipado do dia de sua morte. Diz o periódico lisbonense que frei José de Santo António confidenciara ao prelado do convento, seu superior hierárquico, que haveria de morrer “antes de se fazer na província o capítulo intermédio”, o qual teria lugar no dia 10 de Fevereiro. Mas, a sua predição não ficara por aqui. Consta que pouco antes do fatídico dia se desapropriara de tudo, tendo em vista que o derradeiro dia se aproximava. No dia de sua morte, provocada por um acidente (não se sabe qual), perguntando-se-lhe se queria confessar-se, retorquiu que o tinha feito no dia antecedente para celebrar missa, mas que receberia com grande gosto o Sagrado Viático muito embora só tivesse tempo para os sagrados óleos. E assim sucedeu, porque:

[...] logo perdeu a fala, e espirrou tam suavemente que o nam perceberam os



*padres, que lhe assistiam*⁶.

A natureza milagristica do sucedido reservara-se, contudo, para o final do relato. Frei José,

*[...] lançara sangue puro e natural 12 horas depois de falecido, e no largo espaço de 30 horas que esteve insepulto sempre conservou a flexibilidade em todos os membros*⁷.

Assim se narravam as notícias na capital em finais do século XVIII com laivos de realismo e fabulismo, procurando projectar conhecimento e algum pasmo, sobretudo relatando acontecimentos deste teor, ocorridos algures entre o obscurantismo e... “as luzes”, que já era tempo delas!!!

O convento franciscano era um foco de onde irradiava religiosidade, aí se realizando várias celebrações litúrgicas bastante concorridas, tais como a procissão dos terceiros seculares, na quarta-feira de cinzas. Era, também, o lugar preferido para último repouso das famílias principais, a que nem sempre reagiu com agrado o reitor da paróquia ruense. Os bens destinados aos sufrágios despoletaram inclusive algumas *dúvidas* entre ele e os franciscanos, ambos sôfregos em deitar a mão a tão frondoso rendimento, não fosse este o tempo por excelência das cautelas contra o purgatório.

Pouco mais se sabe acerca da comunidade franciscana de Caria, desconhecendo-se, entre outras coisas, os seus quantitativos. Neste particular, sabe-se apenas que em 1587 o cardeal Alberto de Áustria encarregou o abade de Alcobaça, frei Guilherme da Paixão, de visitar a Terceira Ordem de S. Francisco, o qual encontrou no convento de Caria 17 frades, mais 5 do que no de Vilares em Marialva e mais um do que no de S. João da Pesqueira (ALMEIDA, 1968-71). Além destas existem apenas algumas referências dispersas sobre alguns dos integrantes, como as já mencionadas e outras que aparecem em registos paroquiais como os da Vila da Ponte. Aí refere-se, a título de exemplo, no registo de baptismo de D. Maria Quitéria, filha do Dr. Damião Ferreira Leitão, juiz de fora de Coimbra natural de Cota e de D. Maria da Purificação Tavares de Almeida de Vila da Ponte, lavrado em Maio de 1731, um frei António do Menino Jesus, pregador franciscano no convento de Caria, padrinho da mesma. Conhecem-se, por fim, dois outros nomes: frei Simão de Santo António, ministro do convento e o mestre jubilado frei Manuel de Almeida, os quais aparecem a apadrinhar baptismos em 1760. O primeiro, irmão do reitor de Antas de Penedono, António Camelo; o segundo, tio de António de Almeida, da Quinta do Ribeiro.

É de referências como estas que convém sair ao encalce, palminhando um

6. DGARQ - Gazeta de Lisboa, n.º6 de 1748, p.110-11 (bobine 18).

7. Idem, ibidem, loc. cit.



longo trilho, uma *via sinuosa*, com madeiro de inspiração crística engalispado nas costas, rumo ao conhecimento cabal da história de um eremitério que ocupou uma posição central na narrativa de mestre Aquilino e enfileira hoje entre os monumentos de incontornável valia no panorama artístico-monumental moimentense. Convirá acautelar que essa posição de relevo se mantém no futuro, o que só poderá acontecer se ele existir. Ajudaria a perpetuar a memória da pena de Aquilino, realista, vivencialista e histórica. Assim como abonaria a manutenção de uma estância de incomparável formosura telúrica, semeada pelo Criador ao redor das sete partidas do mundo. Dias há, e esqueceu-se Aquilino de o referir que, quando este espaço se recobre de rico dossel etéreo, quando um verniz de atmosfera diáfana engloba feixes de variegado colorido que esventram a alma com lâminas de prazer, quando o arebol produz um manto polícromo, quando os pulmões da floresta se enchem de ares puríssimos de altitude babilónica e arfam a compasso variações castanhas riscadas de vermelho rosa e verde líquene, quando margens pintadas de alaranjado e cobre que protegem ribeiros fazem lembrar espelhos de prata, quando no céu se divisam ilhotas flutuantes e hiperactivas a irradiar sombras sobre escarpas vales e riachos de um esmeraldino translúcido, quando chuvas torrenciais dão lugar a um sol límpido que a candura do arco da velha sacraliza como auréola, as *Terras do Demo* são um dos paraísos do Inferno.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fortunato de (1968-1971). *História da Igreja em Portugal*. Porto, Lisboa: Portucalense Editora, Livraria Civilização Editora, V vols.
- ALVES, Alexandre (1983). *Revista Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital, p.675-679.
- AZEVEDO, Joaquim de (1877). *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto: [s. n.].
- COSTA, M. Gonçalves da (1982). *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [s. n.].
- GOUVEIA, Jaime Ricardo Teixeira (2006). *O Sagrado e o Profano em Choque no Confessionário. O delito de solicitação no Tribunal da Inquisição. Portugal, 1551-1700*. Coimbra: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- RIBEIRO, Aquilino (1918) – *A Via Sinuosa*. Lisboa: Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino (1948) – *Cinco Réis de Gente*. Lisboa: Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino (1951) – *Geografia Sentimental*. Lisboa: Bertrand.